

Cabeças de volta

O poeta, artista gráfico e jornalista Reinaldo Jardim, diretor da Fundação Cultural, está vivendo um momento singular. Como administrador cultural, vê-se entre um projeto de mudanças profundas na FCDF e a pressão de um grupo que, sob a sigla MAC (Movimento de Articulação Cultural) chega das satélites para questionar suas ações. E o poder de fogo do MAC é grande. Além de uma barulhenta bronca cultural, membros do Movimento acabaram adiando a mais anunciada programação reynaldiana: a "Domingueira".

Primeiro sinal de paz

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Da Editoria de Cultura

A volta do Concerto Cabeças ao Parque da Cidade é o primeiro sinal de paz dada por Reynaldo Jardim, diretor da Fundação Cultural do DF, aos que vêm questionando sua administração, acusada de ter provocado o esvaziamento da Assessoria de Assuntos Comunitários, coordenada por Néio Lúcio.

Reynaldo promete que o Cabeças acontecerá ao ar livre, enquanto as chuvas não chegarem e que, depois, se abrigará de intempéries climáticas no Gran Circo Lar, cuja inauguração está marcada para o próximo dia 12. O novo Circo, situado na Esplanada dos Ministérios, avisa Reynaldo, será a "Catedral do Rock". Por isto, no verão — quando Brasília, em tempo de férias escolares e recesso parlamentar, parece esvaziada — a FCDF não medirá esforços para vê-la fervendo, como nos meses de maio e setembro. No próximo verão, portanto, avisa o diretor-executivo da FCDF, além do Festival do Rock, Brasília sediará a Primeira Internacional da Arte e o Levante Centro-Oeste.

— A Internacional da Arte, explica Reynaldo, é um projeto de dimensões gigantescas, que terá custo zero. Afinal, estamos solicitando a todas as embaixadas acreditadas em Brasília, que tragam à cidade, em janeiro, um filme, uma peça, um balé, um work-shopping, uma exposição de artes plásticas ou fotografia, enfim, uma linguagem artística que dê ao brasileiro uma amostragem da produção artística de cada país. Já temos prometida uma Semana do Cinema Argentino. Toda a infraestrutura da FCDF, pouco requisitada no verão, será posta a serviço da Primeira Internacional da Arte.

No mês seguinte, acontece o Levante Centro-Oeste, Reynaldo explica a programação que pretende romper com o marasmo do verão brasileiro:

— O Levante Centro-Oeste é uma tentativa de integrar

Brasília à região onde está inserida. Assim, os dois Mato Grosso e Goiás trarão à capital do País o que produzem de mais significativo nas mais diversas linguagens artísticas. Para que o Levante seja um acontecimento de peso, já contatamos as secretarias de Cultura dos três Estados, empresas privadas da região, a Sudéco (Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste) e o Ministério do Interior.

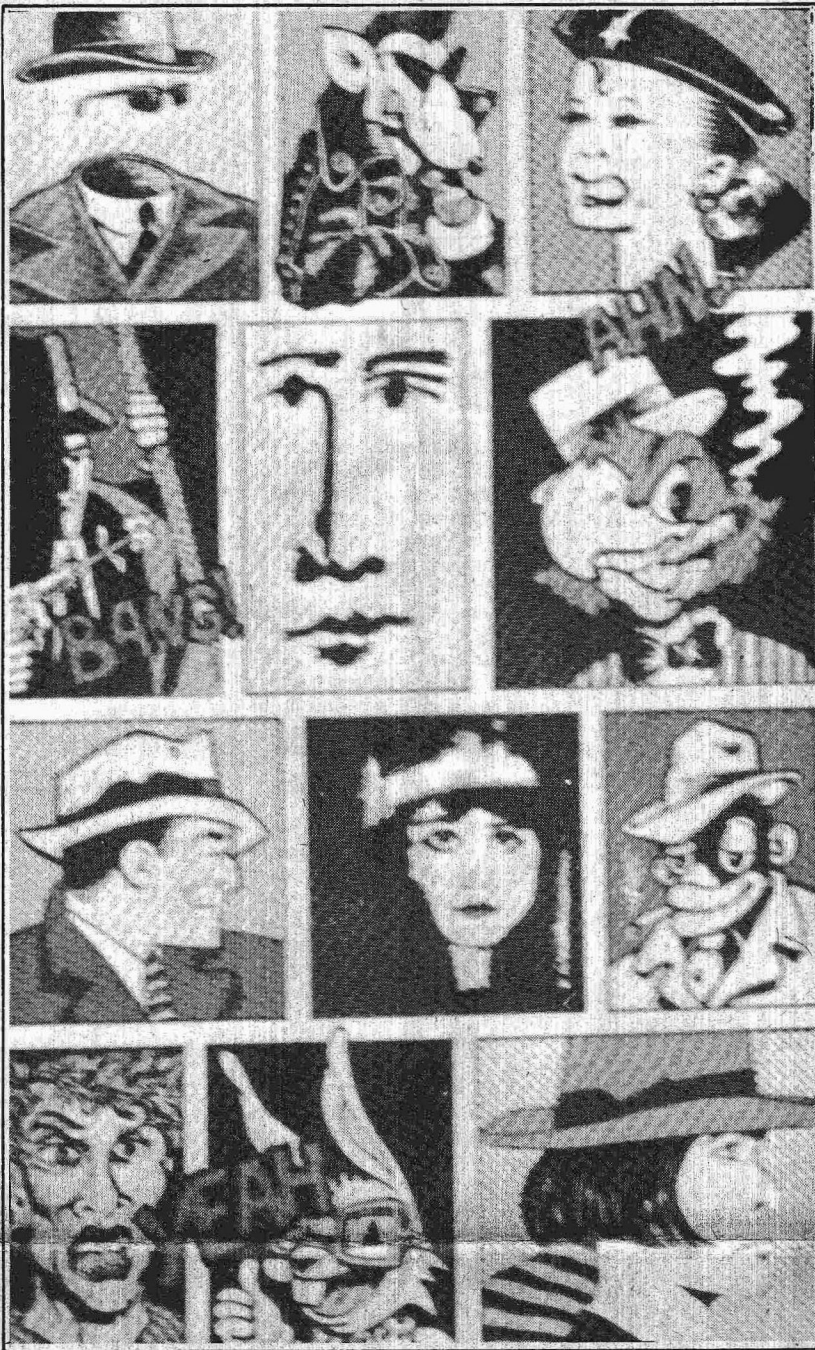
Se os três projetos da FCDF para o verão se materializarem, Brasília será sacudida, então, por um festival de rock, um a Internacional de Arte e o Levante Centro-Oeste. "Estas três atividades, avisa Jardim, fazem parte de uma nova orientação que estamos introduzindo na Fundação Cultural. Entendemos Brasília como o centro geopolítico do País e como uma cidade lançada para o futuro. Não podemos confundir-la com uma provinciana cidade do interior.

NOVO TEMPO

Reynaldo anuncia, então, seu projeto: "A nível local, cuidaremos da ocupação das cidades-satélites, das duas Asas (Norte e Sul), do Centro (onde estão os espaços culturais mais atuantes). A nível



Reynaldo Jardim promete um verão quente



regional, vamos inserir, para valer, Brasília no contexto do Centro-Oeste. A nível nacional, somaremos ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e ao Encontro Nacional de Escritores, a edição de um Caderno Nacional de Cultura, que circulará por todos os cantos do País. No campo internacional, abrimos as portas a um intercâmbio forte e dinâmico com a Primeira Internacional de Arte. Estas atividades acontecem no sentido horizontal, já que no sentido vertical, criaremos a UniverCidade, que através de cursos diversos cuidará do desenvolvimento da sensibilidade artística das pessoas.

Como se vê, Jardim pensa grande. Resta ver se suas idéias ganharão concretude, já que sua mais anunciada idéia para dinamizar a integração Plano Piloto/cidades-satélites naufragou: a Domingueira, um programa de auditório que, sem preconceitos, colocaria, lado a lado, duplas sertanejas e músicos eruditos, passando por balé, teatro, escola de samba etc.

A primeira Domingueira deveria ter acontecido no úl-

timo domingo de agosto. O MAC (Movimento de Articulação Cultural), que congrega principalmente entidades das cidades-satélites, deu claras demonstrações de que não queira nem saber da "Domingueira, que apelidaram de "Silvio Santos no Teatro Nacional". Segundo o MAC, o evento não se concretizou por ser montado de cima para baixo, ou seja, entre a FCDF e as administrações regionais, ignorando entidades representativas como a Associação de Arte e Cultura de Taguatinga e similares.

Reynaldo, por sua vez, garante que a promoção só não se concretizou por "justificação do tempo". Determinadas pessoas, anuncia, disseram que depredariam o Teatro Nacional, cortando, com gilete, as cadeiras da Villa-Lobos. Chegaram a dizer que fariam barricada no palco para impedir que os artistas convidados (Banda Excepcional, Grupo de Dança Vão de Ensaio, Grupo Candar, Catira de Brazlândia, Grupo M, Grupo Favela, DC-10 dupla sertaneja de Sobradinho e Bateria da Mocidade Independente do Gama) se apresentassem. Por isto, não fizemos a Domingueira.

Hoje tem Concerto Cabeças ao ar livre, na Rampa Acústica do Parque da Cidade. Sete de Setembro, data nacional, dia de curtir a mais legítima manifestação artística da cidade. As atrações são múltiplas e variadas: o jazz da Brasília Popular Orquestra; o lamento dos chorões candangos; a MPB de Eduardo Rangel e Calouro, e o rock das bandas Nexo Explícito e 69. Quem quiser curtir esta variada e deliciosa salada musical deve chegar ao Parque às 15h.

Espaço para todos sons

Quem for, hoje, à rampa acústica do Parque da Cidade, a partir das 15h, encontrará variada programação cultural, prova viva de que o Concerto Cabeças nunca foi uma "catedral do rock". Senão, confirmam as atrações: Brasília Popular Orquestra, Clube do Choro, Eduardo Rangel, Calouro do Liga Tripa, Nexo Explícito e Banda 69. Há, portanto, espaço para o som jazzístico da Popular Orquestra, o choro de Pernambuco do Pandeiro e seus amigos, a MPB de Rangel e Calouro e o rock da 69 e Nexo Explícito. Este ecletismo fez dos Concertos Cabeças a mais importante e original manifestação artística brasileira.

O primeiro Cabeças aconteceu na Superquadra 311 Sul, em dezembro de 1978. Algum tempo depois, esta promoção tornou-se tão popular, que se viu multiplicada em concertos itinerantes da 312 Norte, Cruzeiro e Guarã. Um dia, aportou na rampa acústica do Parque da Cidade. Sofreu solução de continuidade em 82, para amargura de seus admiradores fiéis. Ir ao Cabeças havia se tornado uma tradição. Era lá que a moçada se encontrava, que os pais levavam os filhos para saudá-los tarde ao ar livre, que os novos grupos musicais deparavam-se com sua mais vistosa vitrina. Quem não se lembra de um domingo de agosto do ano passado, quando duas mil pessoas dançaram ao som afro-caribenho-brasileiro de Obina Shok?

No final dos anos 70, o Concerto Cabeças abriu espaço para dois dos mais respeitados grupos jovens da cidade: o Mel da Terra, e o Liga Tripa. Nicolas Behr, então o poeta da brasilidade, chegou a definir o Liga Tripa como "a primeira manifestação folclórica de Brasília".

A viagem do Cabeças, porém, nunca foi tranquila. Hoje, se Néio tem um saldo de 40 concertos realizados em diversos pontos do Distrito Federal, houve momentos em que se deparou com muita incompreensão. Administradores culturais preocupados unicamente em editar catálogos de eventos, nunca perceberam que o concerto

ao ar livre, idealizado por Néio Lúcio e um grupo de amigos era a mais genuína expressão de Brasília.

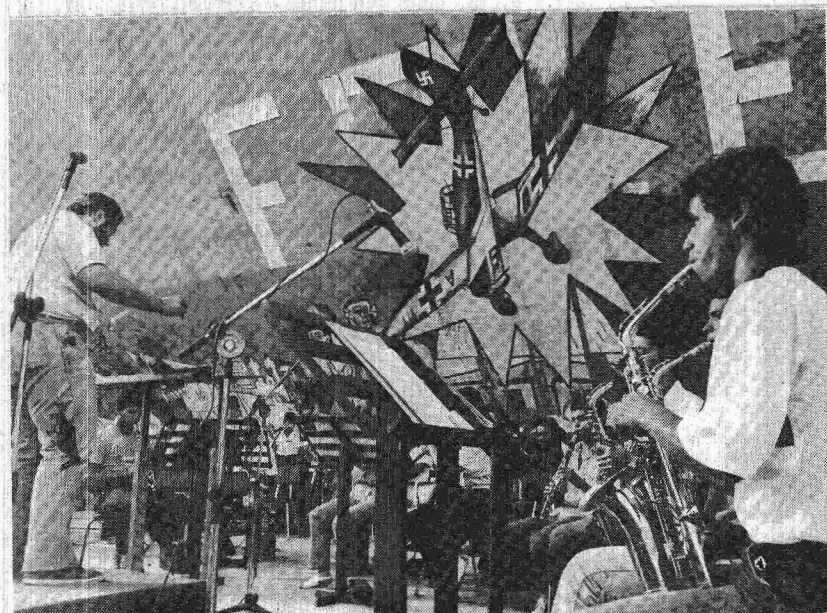
— E o que seria uma atividade adequada a uma cidade de espaços ao ar livre por demais generosos?

— Um concerto ao ar livre, capaz de aproveitar os seis meses de seca, tão nítidos no Planalto Central. E foi isso que Néio fez: sacralizou o aproveitamento dos grandes gramados das superquadras, até encontrar utilidade para a rampa acústica do Parque da Cidade, construção capaz de abrigar de 2.500 a 3.000 pessoas, que vivia jogada às baratas. Como a concha acústica, no Setor de Clubes Norte!

Até Reynaldo Jardim, um homem de vida profundamente ligada à produção cultural, foi desatento. Deixou o Concerto sofrer solução de continuidade. A cidade reagiu, pois o Cabeças tem raízes no coração da primeira geração brasileira. Ele faz falta, deixa o primeiro domingo de cada mês menos alegre.

Com a ida de Luís Humberto para a direção da Fundação Cultural, o Cabeças recebeu a valorização que merecia. Tornou-se uma espécie de menina dos olhos da Assessoria de Assuntos Comunitários. Esta assessoria, comandada por Néio Lúcio, possibilitou a multiplicação dos concertos pelas satélites e Torre de TV. O número generoso de atividades acabou prejudicando a qualidade dos concertos, ao ar livre, em especial os das satélites, que viraram verdadeiras "igrejas do rock". Isto é uma falha, se levarmos em conta que a diversificação de linguagem sempre foi a marca do Cabeças no Parque.

Esse problema, porém, era de fácil solução. O que não dá para entender é a interrupção do projeto e o anunciado esvaziamento da Assessoria de Assuntos Comunitários. Como Jardim é um homem de cabeça aberta e disposto a reciclagem permanentes, tudo leva a crer que hoje, no dia da Independência, a volta do Cabeças signifique gesto de compreensão de sua real e enorme importância.



A Banda Sinfônica da EMB: ajudando a diversificar o repertório dos concertos ao ar livre



O Obina Shok explodiu num concerto Cabeças, em agosto de 85



Nunca faltou público para os concertos. Em maio de 86, o brasileiro assiste à Banda Akeneton